

Entrevista com Suelene Ferreira Santos e Vera Lúcia Ferreira Santos, 10/09/2018

Local da entrevista: Sua residência em Parte Alta do morro, proximo a quadra.

Entrevistadores: Débora Oliveira e Luciane Chagas Brasil,

Vídeo e áudio: A confirmar os nomes.

Suelene Ferreira Santos: O rapaz da outra vez, até da ultima vez que teve o movimento ai, ele falou: “Oi Suelene.” Ai eu: “Você me conhece?” “Claro que te conheço, você é importante.” [risos] Ai eu falei: “Importante é minha mãe que me fez.” [risos]

Débora Oliveira: Bom dia!

SFS: Bom dia!

DO: É um prazer está na casa da Senhora.

SFS: Eu que agradeço!

DO: Sou Débora.

SFS: Sinta-se à vontade, Débora.

DO: Eu estou. [risos] Não é só a senhora que esta nervosa, eu também estou porque é a minha primeira experiência.

SFS: Então vamos compartilhar aqui, vamos vencer.

DO: Isso! É... Eu tenho aqui algumas perguntinhas para fazer para a senhora, nada muito grave. Então a primeira pergunta que tenho para fazer a senhora é se a senhora nasceu aqui na Vila Operária?

SFS: Nasci aqui. Quando a minha mãe veio para cá eu ainda não tinha nascido e [tosse] meus irmãos já estavam aqui com ela ai logo em seguida eu nasci.

DO: Então, mas o que a senhora sabe melhor da chegada da sua família aqui?

SFS: Bom, eu sei que ela foi uma das fundadoras, não é? A pegar um dos primeiros lotes de terreno e começamos com os barraquinhos de madeira, não é? Ai a minha irmã! Senta aqui Vera para me ajudar [risos]. Você tinha que ter treinado comigo antes.

Luciane Chagas Brasil: Eu me esqueci de uma coisa importante, vou da só um stop aqui. (Pausa para ajuste)

DO: Olha que eu nem perguntei nada, a gente vai começar de novo.

LCB: Take 2, cena duas irmãs.

DO: Bom dia mais uma vez! **SFS:** Bom dia!

VLFS:: Bom dia!

DO: É um prazer estar aqui com vocês. Eu queria que vocês duas se apresentassem, o nome e a idade, por favor.

VLFS: Eu me chamo Vera Lúcia, tenho 59 anos.

SFS: Eu me chamo Suelene, tenho 54 anos. E o prazer é nosso de nos dar a oportunidade da gente falar um pouquinho aqui da Vila Operária. A história da minha mãe, da gente, do nosso bairro.

DO: É uma forma de valorizar a história de vocês. **SFS:** Com certeza!

DO: E iniciando novamente. Eu perguntei se a senhora nasceu aqui, a senhora disse que veio pra cá.

SFS: Não, eu nasci aqui, ela que veio pra cá com 3 anos. Ai eles chegaram primeiro e eu cheguei depois. Eu nasci depois, mas eles já estavam aqui. Ai a história melhor você fala.

VLFS: Minha mãe veio pra cá através de um primo dela que já estava morando aqui, então ele viu que tinha muito espaço aqui, ele veio pegou e resolveu pra ela. Minha mãe veio da Bahia pra cá sozinha, deu um jeitinho e fez uma casinha. Depois é que ela foi buscar os filhos dela porque na Bahia nos lá ficamos cada um com um padrinho, madrinhas, entendeu? Depois que ela juntou todos nós. Ai dali fomos passando dificuldades que toda gente passa, mas, é isso.

DO: Todos vieram pra cá?

VLFS: É! Ela abandonou tudo lá e veio pra cá com seus filhos.

SFS: Como ela falou, ela veio pra cá reservou, montou um lugar pra gente morar, não é? Que não era uma casa. Era uma casa, mas com o único recurso que ela tinha que era madeira, essas coisas. Voltou pra Bahia, pegou todos os filhos dela e depois ela conheceu meu pai aqui e ai que eu fui nascer que providenciaram a carioca cara de baiana. Mas ai depois foi com muita luta porque ela além de esta, tinha meu primo, mas ela era sozinha, analfabeta, não conhecia ninguém aqui assim. Ela conseguiu emprego de doméstica, arrumadeira, passadeira, aprendeu a costurar sem estudo, ai costurava pra fora. Aos pouquinhos ela foi colocando tijolo, levantando as coisinhas.

DO: Ela veio diretamente pra cá pra Vila Operária?

SFS: Sim, ela já veio da Bahia com esse espaço aqui reservado pra ela que meu primo reservou. Então, quando ela veio já tinha o loteamento, espacinho que muita gente estava vindo. E ela veio pra cá.

DO: Esse tio/primo é daqui mesmo do Rio?

SFS: Não, ele era Baiano mas tinha vindo antes. Já morava aqui.

VLFS: Quando ele descobriu isso daqui, ele viu esse loteamento que estava reservando... (interrompido)

SFS: Ai já viu essa oportunidade pra ela porque ela estava precisando porque lá na Bahia

não tinha condições para criar os filhos dela. Aqui no Rio, graças a Deus deu certo.

DO: E ele já tinha uma família formada aqui antes de vocês? **SFS:** Já!

DO: Não era ele sozinho, não é?

SFS: Na verdade ele era primo dela, primo nosso mas eu lembro que a gente chamava ele de tio por algum motivo que eu não sei. Acho que por causa da idade, e a gente também não tinha ninguém pra chamar de tio. [risos]

DO: Ai todas as pessoas próximas eram tios!

SFS: É! A família toda da minha mãe ficou na Bahia só ela que veio. Todos os irmãos dela ficaram na Bahia, a gente conheceu uma tia nossa só porque depois de muitos anos ela veio visitar a minha mãe, veio pro Rio de Janeiro aqui pra casa da gente visitar a gente. Mas a gente não conheceu tio, só essa Tia Maria que já faleceu também, infelizmente. Mas a gente não conheceu nossos tios, nossas tias, nossos avôs, entendeu? Nossos primos a gente tem até contato, mas só por telefone antes era carta, era muita cartinha com fotinhos, essas coisas.. Agora é telefone.

DO: Tem as redes sociais também, não é? **SFS:** É!

DO: Vocês tem esse contato?

SFS: Não, ainda não tivemos essa oportunidade. Eu nem sei por que, porque às vezes ligam. Parece tão longe, mas é tão perto com rede social hoje em dia. Mas eu não sei também se é por causa da idade.

DO: É uma forma de aproximar, mas também a idade... (interrompida)

SFS: Eu sei que aqui eu tenho muito, mas nunca pensei em falar: Você tem face ou Watshapp? Me lembra quando ela ligar, ou a gente pode ligar também.

DO: E vocês tem lembrança assim na memória de vocês sobre a infância de vocês aqui?

VLFS:. Então, eu tenho pouco porque eu não lembro, eu tenho esse defeito, vai ficando pra trás, eu vou me esquecendo.

SFS: Eu me lembro muito, mas não sei se você vai lembrar. A gente passou assim, passou muito sufoco, não é? Mas eu me lembro quando chovia as goteiras caiam e a gente se enfiava em baixo da mesa. Era uma mesa de madeira, a gente se escondia em baixo. Era muito complicado, foi uma infância difícil, mas a minha mãe nunca deixou faltar nada pra gente. Ela trabalhava na casa de família, era varias casas, tipo diarista. Tinha alguma festa, alguma coisa, ela sempre trazia pra gente. Roupas a gente já recebeu muitas, ela fazia também. Era um sufoco, mas não era assim de passar necessidade, fome, ela nunca deixou. Ela deixava de comer nas festinhas pra trazer pra gente. Trabalhava pra botar o básico em casa. Ia no mercado e andava pra caramba porque não tinha essas condições que tem, e

também não tinha condição. Ela ia no mercado e via uma promoção, aí voltava andando e ia em outro mercado vê outra promoção.

Quer dizer, ela ralou muito, batalhou muito pra não deixar faltar nada pra gente, principalmente isso que ela ensinou pra gente, educação. E de resto que eu me lembre também, muita farra. Eu jogava bola, sempre gostei muito de jogar bola. E aqui era ótimo, tinha um campo de futebol.

Não tinha esse colégio, isso tudo aqui era um campo. Aí nos finais de semana as famílias se reuniam, meus irmãos jogavam bola. Meu falecido irmão, o apelido dele era Garrincha, ele jogava muita bola, foi até chamado pra jogar no Vasco, mas tinha um problema de coração e por isso faleceu muito jovem. E tem meu irmão que mora aqui em cima, Galo, que jogava bola também. Todo mundo jogava bola. Final de semana era aquela maravilha sabe. As famílias se reuniam lá em cima no campo pra todo mundo jogar bola. Aí os familiares, os pais ou irmãos assistindo. Era confraternização, coisa que infelizmente não tem mais. É coisa de comunidade. Todos se conheciam, todos se davam bem. Tinha seus, sempre teve, mas... (interrompida)

VLFS: Era uma época muito boa, minha mãe saía e deixava a gente em casa, pedia só para uma vizinha que tinha do lado para ficar de olho na gente. A gente fazia a nossa arte aqui mesmo, bagunça. A gente tinha um horário, quando dava tantas horas... (interrompida)

SFS: Que minha mãe chegava a gente corria pra arrumar a casa. **VLFS:** Minha mãe foi pai, foi vó, foi tudo. Uma mãe muito boa. **SFS:** Mas quando chegava em casa, queria a casa arrumadinha.

DO: Uma hora antes lavava a louça. [risos]

VLFS: Um corria e lavava a louça, outro pegava... E íamos fazendo...

SFS: Meu sobrinho ficou da minha falecida irmã Sonia, a minha irmã mais velha.

DO: E a criancinha é dele e dela?

SFS: É!

VLFS: Dele e dela.

LCB: Você tem foto dessa época?

SFS: Infelizmente, antigamente máquina fotográfica era... Você tinha que contratar uma pessoa pra tirar uma foto no batizado, imagine em dia de lazer. Era um luxo, eu sinceramente, nem sabia a quem recorrer. Mas se por acaso eu encontrar, eu posso avisar a vocês e vocês anexa aí.

LCB: Você tem fotos da sua mãe pra gente poder colocar no documentário?

SFS: Mas você quer isso tudo hoje?

LCB: Não, hoje não!

SFS: Ata [risos]. Eu tenho foto da minha mãe, tenho bastante. Ela era muito fotogênica. Gostava bastante de tirar fotos.

DO: A senhora parece que não gosta muito.

SFS: Eu?

DO: Parece ser mais tímida.

SFS: Eu gosto de tirar foto!

VLFS:: Ela gosta, quem não gosta sou eu. Se tu ver, tu não vai achar muitas fotos.

SFS: Tem sim, ela com a minha mãe. Eu tiro foto. Eu careta sou muito tímida, entendeu? [risos]

DO: É tímida, mas gosta!

SFS: Gosto! Eu gosto de tirar foto, mas estou meia fofinha.

VLFS:: Ai junta com sobrinho, pode até ver, no aniversário dela tinha uma 30 e poucas fotos. Eu falei que eu não estava em nenhuma foto, mas é porque eu vou fugindo, só se me chamarem que não.

DO: A senhora sempre esta nas confraternizações, mas não aparece nas fotos.

VLFS:: Estou sempre fugindo, nunca saio. Já até brinquei que não faço parte da família porque não tenho foto. [risos]

DO: Voltando a questão da infância, vocês dizem que mesmo diante das dificuldades que a mãe de vocês passaram vocês tiveram uma boa infância de brincar!

SFS: Ótima infância! Nos tivemos infância.

VLFS:: Nós éramos felizes, mesmo com dificuldade. Há um tempo atrás não tinha essas coisas de hoje, brinquedo bom, vídeo game. Eu lembro que eu ganhei uma boneca que ate hoje eu encontro umas bonecas na loja que eu fico lembrando. Muito pequenininha, durinha, eu vejo as novas e fico lembrando, ainda foi comprar para guardar pois parece. Hoje não, tem boneca até que fala. Foi uma única vez que eu ganhei uma boneca e ainda perdi.

SFS: Aqui você podia correr, ficar na rua a noite toda. A noite toda não, tinha horário que sua mãe deixava depois sua mãe chamava e você tinha que entrar, não tinha jeito. Mas enquanto deixava a gente brincava, a gente corria. Minha canela só vivia de barro até aqui porque não era calçado essas escadas aqui, descer pra pegar bola, subir. A gente brincava lá em cima. Era pique bandeira, pique esconde, pique não sei o que. Entende? Então, foi uma infância maravilhosa, nós tivemos infância porque nós brincávamos de patinete, corríamos pra lá, corríamos pra cá. Tinha casas com árvores, eu me lembro que aqui em casa tinha no fundo. A gente pulava daqui pra casa do vizinho que nem Tarzan.

VLFS: A gente também brincava assim, depois que melhorou a casa, naquela época não era piso, era cimento... (interrompida)

SFS: Vermelhão que se fala.

VLFS: A gente jogava água, botava sabão e escorregava. Um empurrava o outro. Nossa mãe separava as funções, as meninas faziam uma coisa e os meninos o mais pesado. Ai todos eles corriam para fazer a parte deles. Aqui ainda não tínhamos água encanada.

SFS: A gente buscava água lá naquele morro lá em cima. No Morrão do lado do cemitério. A gente pegava água lá, subia o morro, botava a manilha na cabeça, colocava a lata d'água e subia o morro pra encher os latões de água. Mas ai nos éramos saudáveis porque fazíamos um treinamento físico [risos], e ao mesmo tempo a gente... Era pra gente beber, era pra gente tomar banho, era pra tudo. Não tinha água encanada, não tinha nada disso, aos poucos que foram estalando as coisas aqui e melhorando. Pavimentando, calçando, isso daqui era... Nós praticamente vimos o progresso aos pouquinhos. Foram as calçadas, a enganação da água, iluminação, porque também era muito precário os postes. Mas, vou te dizer, era muito bom.

DO: Isso tudo quando vocês eram crianças que tinha essa dificuldade?

SFS: É!

DO: Até mais ou menos que idade tinha essas questões de estrutura de luz?

SFS: A luz ela foi bem mais rápido. Eu acho que quando o Zito, pode falar?

DO: Pode!

SFS: Foi o Zito que fez essas escadas, pavimentou aqui em cima. Foi ele. Isso eu não estou puxando sardinha pra ninguém mas todos prometiam. Quando chovia, olha, era terrível. A gente escorregava e se sujava. Pro colégio às vezes, eu estudei lá no 25 de agosto, não tinha mais 8º serie aqui e eu tive que ir pra lá. A gente ia com saco na roupa, nos pés pra proteger da lama, era tanta lama que a gente chegava no colégio todo sujo. Uma vez eu descii ali na rua da sepetiba e caí. A gente ria muito, toda suja de lama. Era tudo lama, aquele barro vermelho. Era triste, ficava cheio de lama ali em baixo. E vários candidatos prometiam, prometiam, e nada. Ai ele veio, prometeu e cumpriu. Hoje isso aqui é... Só falta um teleférico pra gente subir, eu vou adorar. Você sabe como sofremos pra subir.

LCB: Ficamos tudo com canela grossa!

SFS: Tinha um menino lá no meu trabalho, agora não mas há alguns anos atrás ele falou: "Suelene, você tem um coxão assim saradão!" [risos] Vai morar aonde eu moro! Eu descia lá na praça e vinha andando. Subia esse morro todo dia e subia pra ir trabalhar. Quer dizer, não tem como não ficar sarada, não é? Uma ginástica e tanto. E depois de calçar você tinha que ser atleta porque era assim, tinha uma escada aqui, uma escada não, era uma forma de degrau

mas de barro e o outro era lá em baixo. Ai você pulava os degraus. Tipo uma trilha. Você ia saltando.

LCB: Eu peguei essa parte, tinha que colocar o saco nos pés pra ir para a escola porque se não ficava cheia de lama.

SFS: Era horrível. Então ele veio e saneou, calçou, fez essas escadas que foi uma maravilha. Isso foi uma melhoria e tanto, uma ajuda para os moradores. Somos muito gratos a ele por isso porque tem muitos que prometem, mas ele fez. A gente sofria muito com isso, nossa, a gente caia, se atolava, entendeu? Sair na chuva, na porta de casa já estava escorregando. Dentro de casa você não tinha também uma higiene, era muita sujeira, não tinha como tirar a roupa pra entrar dentro de casa. Fora a saúde. É uma água de esgoto, é uma água suja, não é? Sem contar isso também, o risco que a gente corria de pegar uma doença. Mas, graças a Deus, eu acho que nossos anticorpos antigamente era maior, porque hoje qualquer coisinha, não é? [risos] E você vê que a estrutura hoje esta bem melhor, mesmo assim.

DO: Vocês tiravam sarro entre aspas, pra não ser tão difícil, não é?

SFS: Exatamente porque por exemplo, to indo para o colégio, ai a gente descendo uma segurando a outra, descia sempre a minha amiga que estudava comigo . Somos amigas até hoje. A gente ia pra escola segurando a mão pra não cair. E ela até hoje o apelido é Vera risadinha porque tudo ela ri. Ela ria, ria, ria. Eu dizia: “Para de rir Vera porque quanto mais você ri, mais a gente caia.” Não tinha como não ri porque um tombo quando não se machuca é engraçado, não é? Mas e ai, você tinha que voltar, o que a gente faz? Íamos assim mesmo porque tem prova, tem teste, tem algo importante. Quando a gente cresce, tem emprego, tem responsabilidades. Mas quando a gente é estudante, prova era a pior coisa. [risos]

DO: (fala inaudível)

SFS: Assim, a gente quando lembra a gente percebe que era feliz e não sabia. Naquela época o problema era a prova. Tinha questão que a gente estudava na 25 de agosto e tinha muitos alunos que moravam por ali, um bairro que era chique, urbanizado e aqui não. E a gente já tinha essa vergonha de chegar lá cheio de lama. “Não vou assim não, chegar lá eles vão rir da gente.

Mas se a gente... Não mas...” A gente voltava as vezes, tinha que voltar. E o uniforme também que a gente não tinha condições, a minha mãe não tinha condições de ficar comprando. Ai a gente vinha em casa e limpava eu mesma, eu era até mais pobrezinha que essa minha amiga. Ai a gente limpava e ia, tinha aula, prova, essas coisas. Mas era uma vergonha, tínhamos vergonha. A gente morava num lugar que tinha lama, não tinha asfalto, não tinha água. E o pessoal que morava, estudava com a gente, morava ali na 25 e tudo isso

já tinha lá em baixo porque primeiro vem pra li porque era tinha a Zona Sul de Caxias. Bairro chique, bairro nobre de Caxias.

DO: Qual era a escola?

SFS: Eu estudei aqui em cima, minha infância mesmo foi no colégio Vinícius de Moraes. Que era o colégio Itaperuna que é o daqui de cima que eu devo muito a minha educação, a minha infância, a minha e de muitos moradores. Ali a gente tinha também... Os professoras da época sabiam a dificuldade dos pais da gente, que a maioria tinha que trabalhar. Não era só a minha mãe, tinha a Dona Marli que era tipo mãe solteira ia trabalhar. Então o colégio e os professores eram segunda casa. Os professores tentavam conversar com a gente quando viam que tinha um coleguinha mais bagunceiro, que faltava aula e a mãe não podia estar ali em cima dele. Não tinha celular, não tinha telefone. Os pais iam trabalhar e não tinham notícias dos filhos.

VLFS: Os professores tomavam conta da gente.

SFS: Eram firmes com a gente como segundo pai.

VLFS: Chamavam atenção!

SFS: Passavam para os pais quando podia, entendeu? E não tinha esse negócio de desobedecer professor, a gente obedecia. Sabíamos que quando os pais chegavam, eles ouviam o professor. “Fica quietinho aí que o professor está falando.” “Respeita o professor.” Era assim que eles faziam. Os pais também podiam contar com os professores. Os professores sabiam que os pais precisavam deles.

DO: Vocês acham que a escola teve função de além de educar vocês, cuidar?

SFS: Com certeza! A gente sabe que a educação vem de casa, não é? Quem educa é o pai e a mãe, e isso aí você vai pra escola pra aprender mais alguma coisa. Mas se você não é bem educado pela sua mãe e pelo seu pai, você não vai respeitar nem o professor. Então a minha mãe dizia: “Você vai para o colégio, você respeite o seu professor e você vai estudar.” É claro que assim, chegava lá alguns não estudavam, não gostava de estudar, entendeu? Mas nunca desrespeitou o professor porque a presença do professor antigamente aqui não sei em outros lugares, mas acredito que era também assim. Era uma pessoa que, o professor chegou, era respeito. Era admiração. Então, a gente sabia, minha mãe dizia: “Você tem que respeitar o professor. Você tem que respeitar os mais velhos. Não pode xingar. Não pode responder.” Então a gente saía daqui e já ia para o colégio sabendo disso. E o professor fazia a parte dele, entendeu? Quando ele via que a gente estava fazendo uma baguncinha a mais, quando o pai chegava ele conversava e mostrava pra gente que os pais da gente dava um duro danado pra sustentar a gente, que não podiam estar ali mas que a gente tinha que fazer por onde. Estudar

pra ser alguém na vida, uma pessoa com boa formação, bom estudo. Ter um bom emprego, a meta da gente era essa, estudar para ter um bom emprego. Graças a Deus eu devo muito a esse colégio aqui, eu e minha mãe.

VLFS: Minha mãe fazia de tudo pra gente ter um estudo melhor.

SFS: Porque ela não pode ter!

VLFS: Não foi por falta de incentivo dela.

SFS: Mesmo ela sendo... Eu dizia assim: “Eu não tive estudo porque eu não tinha condições, mas vocês tem condições, eu quero que vocês estudem.” Ela sempre... Eu, eu tenho uma tristeza muito grande de não ter feito... Eu tenho uma mania de falar assim, ne?

LCB: É que você bate aqui. [risos]

SFS: De não ter feito faculdade porque não é, eu sempre gostei muito de estudar. Até hoje a Vera fala: “Faz faculdade Sueli, você é tão inteligente.” Mas ela que me dava cola. Eu falo: “Caraca Vera, eu já tenho ciquenta e poucos anos.” Mas assim, na época não tinha, era muito difícil.

VLFS: “Aquela menina da igreja terminou agora a faculdade dela.

SFS: A Eliete. Eliete tem 10 anos a menos que eu. Peguei Eliete no colo. [risos]

DO: Mas a Senhora pode fazer.

LCB: Depois a gente conversa sobre isso.

DO: Qual curso a senhora teria interesse em fazer?

SFS: Eu fiz contabilidade, técnico de contabilidade. Estudei secretariado primeiro lá no Roberto Silveira depois do 25 de agosto não tinha o 2º grau. Ai eu fiz um ano no Ducão, particular, mas ai a minha irmãzinha começou a trabalhar e pagavam muito caro, eu não trabalhava, tinha 16 ano. Fiz uma prova no roberto Silveira, passei e fiz lá. Mas lá não tinha contabilidade, ai eu fiz secretariado. Ai quando meu irmão faleceu eu fiquei triste e procurei fazer alguma coisa, estudar, ai fiz segundo grau de novo no Glorinha. Ai fiz contabilidade, entendeu?

DO: A senhora exerceu?

SFS: Contabilidade não, eu trabalho na área de administração. Eu trabalho no financeiro da empresa, emito notas, duplicatas, pagamentos, trabalho com o banco. É mais ou menos na área, não é? A minha ideia era ser contadora mas infelizmente não dei prosseguimento.

DO: E a sua função?

VLFS: Eu já não fiz nada mesmo. Eu até gostava de estudar mas nunca tive vocação pra nada. Eu acho até hoje que não tenho vocação.

SFS: Tem sim, vocação pra irmã...

VLFS: Não sei o que eu iria fazer em uma faculdade.

SFS: Você podia fazer Gastronomia. Comida, não é? Ela é boa de comida, acabou de fazer um patê. Gastronomia, não é?

VLFS: Mas eu já fugi dessa parte aí. Ela sempre foi mais estudiosa, gostava de esudar. Estava sempre fazendo um cursinho aqui, um cursinho ali. Estudou e ainda lembra, já eu o máximo é...

SFS: Eu aproveitei porque a minha mãe dizia que, aquilo que eu falei, os pais incentivavam, mas nem todo filho, como ela esta falando, nunca foi dela mesmo. Quando eu ficava em casa, eu procurava fazer o que, eu fazia os afazeres da casa e ia estudar enquanto eu não trabalhava. Como não tinha condições de fazer faculdade, eu fazi cursinhos. Tinha o SENAC que pra mim foi uma mão na roda. Eu fiz inglês, fiz tatilografia, elétrica. Pagava só a inscrição. Eu fiz técnicas comerciais. Fiquei quase 1 ano desempregada, ai minha mãe que arrumou emprego pra mim, os dois empregos. Além de tudo a minha mãe ficava batendo de porta em porta pra arrumar emprego para os seus filhos. Consegui para o meu irmão também. Ela ficava preocupada em deixar os filhos dela em casa, na rua, sem fazer nada. Desde cedo ela colocou meu irmão pra aprender, com 12 anos. Não era escravidão não, ela estudava de manhã e a tarde já que não queria fazer curso, aprendia uma profissão na prática. E esta ai com família, é mecânico até hoje, não tirou pedaço dele por ela incentivar a ter uma profissão cedo. Ocupou o tempo pra não ficar na rua e virar coisa ruim, porque antigamente muitos se perderam, ficavam aqui de bobeira. E a preocupação dela era essa porque ela estava trabalhando e aquela época não tinha segurança.

LCB: Eram quantos no total?

SFS: Éramos 6. A vida da minha mãe da uma novela. Ainda vou escrever um livro sobre ela. Então ela botava, ia nas oficinas. E em uma dessas oficinas que ela arrumou emprego para o meu irmão, ela arrumou emprego pra mim também. Ela foi lá em São Cristóvão aonde eu estou até hoje. To lá até hoje, o que me colocou já faleceu, agora são outros donos.

DO: A senhora se manteve lá por quantos anos?

SFS: Olha menina, eu fui pra lá com 25 anos. Me aposentei e ainda estou lá trabalhando. Pode falar isso? [risos]

DO: Pode!

SFS: Você sabe que hoje em dia a aposentadoria no Brasil é complicado, você tem 3,4 salários e quando aposenta não ganha nem 2. Então é complicado. Mas ai voltando na minha mãe, ela que procurava emprego para os seus filhos. Hoje eu sei de mães que os filhos vão trabalhar e elas não sabem nem o endereço do trabalho dos filhos, não se preocupa em ter o

telefone do trabalho.

DO: Até pra caso de emergência!

SFS: Ou então pra saber se o filho esta trabalhando mesmo. Minha mãe procurava emprego pra todo mundo.

DO: Não tinha nem como ela não saber aonde trabalhava.

SFS: Exatamente! Pra ela era uma moça que trabalhava na casa e ela pediu pra ela, ficou praticamente dos 18...

VLFS:: Depois procurei por uma empresa.

SFS: Isso. Mas foi ela que arrumou e não deixava a gente faltar. [risos] Procurava saber como a gente estava no trabalho. A minha sempre me falava: “Filha, primeiramente bom dia, boa tarde, lincheça, por favor, muito obrigada.” São palavras que a minha mãe me ensinou e levo até hoje. Meu patrão fala: “Suelene, nem todo mundo foi educado pela sua mãe.” Não é possível que só a minha mãe deu essa educação. Eu sei que ela foi um excelente mãe mesmo nao tendo tido uma escola, ela soube passar pra gente o que ela não aprendeu na escola, o que ela aprendeu na vida. A vida ensinou a minha mãe, e ela conseguiu passar pra gente como se ela tivesse sido educada num colégio de feira que se ensina boas maneiras. Minha mãe nem deixava muito a gente ir na casa dos outros. Chegando na casa dos outros ela dizia: “Não aceita nada!” [risos] Eu ficava sentadinha de pernas cruzadas. Hoje eu vejo, as pessoas entra na sua casa... É o que eu falei, a educação não vem de casa. Você tem que saber se comportar em todos os lugares, você tem educação. Agora será que aquela pessoa que chega xingando, falando alto teve educação em casa? Teve mãe? Eu conheço a sua mãe, ela educou vocês, a gente vê pelo seu jeito. Ela estuda, faz faculdade, mas vem da mãe dela. Tem gente que sinceramente, nem tudo é culpa da mãe também, não é? A mãe educa e tem uns que sinceramente.

LCB: É o caráter da pessoa, não é? Eu vejo pelos meus dois irmãos, são excelentes

SFS: Você tem dois irmãos?

LCB: Por parte de mãe e pai, e tenho uma irmã por parte de pai, ela tem 12/13 anos agora.

SFS: Nossa. A minha mãe era danadinha!

LCB: [risos] O meu pai que foi.

SFS: A minha mãe não era porque ela era danadinha, era porque ela não aceitava que homem nenhum batesse nos filhos dela. Então a minha mãe, infelizmente naquela época não tinha todas essas informações anticoncepcional de graça, não tinha essa educação que hoje tem na televisão, “olha, tome isso, tome cuidado!”. Não tinha orientação, não tinha esse veículo de informação. Não tínhamos televisão. Eu me lembro que a gente via televisão as

vezes no muro da casa dos outros que tinham televisão. Demorou um pouquinho pra ela comprar, mas depois graças a Deus ela conseguiu. Mas na época não tinha televisão, então ela era jovem não é, namorava e engravidava. Ai esse que fez filho queria maltratar o outro filho dela que não era dele, ai ela

Mandava ele danças, botava pra correr. “Maltratar meus filhos não. Nos meus filhos ninguém bota a mão.” A minha mãe era um leoa. E por aí foi.

DO: Mas falando da sua mãe, a senhora lembra de algum lugar que ela tenha trabalhado como doméstica?

SFS: Na casa da dona Rita, não é?

VLFS:: Lúcia.

SFS: Eu chegava a ir.

VLFS:: Tinha mais, mas de nome eu não me lembro não.

DO: E o local? Assim, aonde era?

VLFS:: Minha mãe já trabalhou na Gávea, no Flamengo...

SFS: Eu ia pra lá com ela. As vezes ela não queria me deixar muito em casa.

VLFS:: Em Botafogo, na Marquês.

SFS: E os patrões dela assinaram a carteira dela bonitinho. Eles gostavam muito da minha mãe Anastácia. Ai assinaram a carteira dela bonitinho. Depois ela ficou meio doentinha de pressão alta e eu comecei a trabalhar, ai a gente terminou de pagar o INSS dela para ela se aposentar. Ela trabalhou lá 11 anos. Acho que foi em 3.

VLFS:: O que assinou a carteira dela que eu me esqueci o nome.

DO: Só pra fechar essa questão da profissão da mãe de vocês. Vocês tinham uma boa relação com os patrões dela? Tinha conviveu?

SFS: É, eu tinha quando a gente ia lá, porque assim, as vezes a minha mãe, mais eu porque ela trabalhava. Mas eu ficava lá no meu cantinho e ela no cantinho dela com as patroas. Mas a minha mãe tinha um bom relacionamento com elas, sempre teve. Quando ela queria para de trabalhar elas não queriam. Não queriam deixar ela se aposentar, “Anastácia não pode deixar a gente”, Mas eu falei: “Minha mãe não pode continuar trabalhando, tem passado muito mal, vai que passe mal na rua longe.”

VLFS:: Ai a gente já trabalhava.

SFS: Eu comecei a trabalhar e juntamos e começamos a pagar o INSS dela até ela se aposentar. Ai ela ficou dentro de casa costurando.

VLFS:: Aliás era uma ótima costureira. Hoje eu vou nas lojas e sinto maior falta dela, não sei como esse povo esse costuras retas, nem parece que gente vai entrar e usar aquilo.

SFS: Minha mãe fez meu vestido da formatura.

VLFS:: Minha mãe costurava muito para as patroas dela.

SFS: É... Ela fazia roupa pra Zona Sul. E olha que ela não sabia ler mas sabia medir, anotar os números. Eu dizia pra ela que se ela estudasse, iria ser uma engenheira, uma coisa muito grande.

DO: Ela já era muito grande.

SFS: Era uma pessoa analfabeta mas nas contas ninguém enganava ela. Ela boa na contabilidade.

DO: Influência, não é?

SFS: É, ela era muito boa. Aí compramos uma maquina e ela ficava costurando ali, tinha muita cliente.

LCB: Posso parar só um pouquinho? A minha câmera esta...

SFS: Travando?

LCB: Isso. Ai eu pedi ajuda a um menino e vou busca-lo ali. Rapidinho.

SFS: Ai meu Deus, vai me deixar mais nervosa.

LCB: Vai não, é rapidinho. (Pausa para ajuste) Cadê a minha raquete? Ééé... 395, gravação 3.

DO: Nós já tivemos o bloco de conhecer a história de vocês duas e da família, de como vocês vieram. Agora nós vamos nos debruça mais sobre a historia da Vila Operária, não é? E o que vocês sabem da construção da Vila Operária? Ou o que vocês escutam das outras pessoas sobre aqui?

SFS: O que eu sei é muito pouco, não é? Como eu vim pra cá, nasci aqui, mas ai já tinha a história aqui. Eu sei que aqui era mato, era muito mato, aí as pessoas tinham que capinar muito pra se chegar a algum lugar, entendeu?

VLFS:: Não me lembro de muita coisa. O tempo foi passando e sumiu da minha mente.

SFS: Tem o seu Barbosa que ajudou muito a infraestrutura daqui, ele deu muito apoio para os moradores. Minha mãe gostava muito do Seu Barbosa, quer dizer, a maioria dos moradores porque ele que ajudava a gente. Eu me lembro quando ele teve... Eu fui cabo eleitoral até dele.

Ele tinha uma... Ali em baixo na Vila, no coração da Vila, ali aonde tem um posto. Ele tinha um... Como é que se fala?

LCB: Onde faz a campanha?

SFS: Isso! Eu me esqueci o nome.

LCB: Eu também me esqueci.

SFS: Tem um nome desse aí

LCB: Lembra Mauricio? É onde o candidato faz a campanha, tipo uma casa.

SFS: Acho que é o comitê. Eu trabalhei pra ele, entendeu? A gente ia de casa em casa procurando saber no que as pessoas tinham mais necessidades. O Seu Barbosa foi um dos fundadores também da Vila Operária. Tanto que tem aquele colégio. O nome do colégio é Barbosa?

LCB: É Vila Operária.

SFS: É? Mas ele é conhecido como seu Barbosa, não é?

LCB: É!

SFS: Ele... (fala interrompida)

VLFS:: Me desculpe, eu saí daqui a um tempo .

SFS: É, ela não está morando aqui.

LCB: Você está morando aonde agora?

VLFS:: Praça Seca.

LCB: Tem quanto tempo que você saiu da vila?

VLFS:: 21. Aqui em cima perto da igreja, eu sabia que tinha uma escola, não sabia o nome da escola. Aí eu estudei ali 3 anos, até a 3ª série. Aí fiz a 4ª aqui em cima e como não tinha a 5ª que na minha época era admissão, aí eu fui estudar no Barbosa. Aí de lá eu fui pra outros colégios porque lá já não era mais, não tinha mais o 2º grau. Agora o daqui de cima eu não lembro o nome.

SFS: Que tinha ali, não é?

VLFS:: No lugar da igreja, eu não sei.

SFS: Não era aquela ali da outra ponta?

VLFS:: Porque a igreja já tinha.

SFS: Eu acho que é a outra igreja ali. Da adjacência. A da esquina eu acho que ali que tinha um colégio.

VLFS:: Eu só sei que tinha uma escola ali e eu fiz até o 3º ano, e quando inaugurou aqui eu vim pra cá na 4ª e não existia a 5ª série porque era admissão, aí eu fui pro Barbosa. Aí depois eu fui esquecendo, quando ela tocou no assunto... (fala interrompida)

SFS: Porque é muito tempo, não é? É muitos anos, não é? A gente felizmente tem registro. Eu me lembro quando as dragas chegaram, nós fizemos uma festa aqui em cima.

VLFS:: Eu estava trabalhando.

SFS: Eu acho que na época que calçaram aqui, você estava aqui?

VLFS:: Não!

SFS: Foi na época que começou o asfalto aqui na Vila Operária. Quando chegaram as dragas, as máquinas, os caminhões, nossa, os moradores fizeram festas.

LCB: Você lembra o ano?

SFS: Eu não me lembro.

DO: Foi o seu Barbosa?

SFS: Isso daí já foi o Zito. O Seu Barbosa era mais ajudar os moradores porque quando a minha mãe chegou, quando muitos chegaram, não tinha recursos, não tinha a quem recorrer na hora da necessidade, um hospital, médico, e algumas outras dificuldades que existia na época. Então ele era o cara que o povo recorria, que minha mãe recorria, a dona Marli recorria, a dona Maura recorria, são os moradores que são antigos. Então, e ele estava ali pra ajudar a gente, atende-los de alguma forma, que ele podia. Agora a pavimentação aqui, isso daí já foi o Zito, quando ele se candidatou. Acho que foi na primeira vez, infelizmente eu não me lembro o ano que foi mas já foi o Zito. Então, para os moradores foi um prêmio.

VLFS:: Eu falo assim mais ou menos porque já tinha uns 10 anos que eu sai da empresa. Quando eu passei pra cá já existia, então deve ser uma coisa assim, uns 15 anos atrás.

SFS: 15 anos atrás?

VLFS:: É porque passa muito rápido. Ontem eu fui fazer as contas, já vai fazer 12 anos que eu sai da empresa. Ai que eu tive mais chances de vim aqui porque antes eu trabalhava e a gente vinha mais assim , 1 vez no mês pra ver a mãe ou no fim de semana. Já quando eu parei de trabalhar eu passei a vim mais dia de semana, eu me lembro que achei lindo, muito bonito mesmo. Algumas pessoas já destruiu.

SFS: É, infelizmente. Os moradores também não conservam. Logo no inicio cortaram corrimão, as pessoas infelizmente, não é? Mas foi um trabalho muito bem feito. Tinha uma pedra, acho que na rua 20 ou na 21. Aquela pedra ela ficava mais ou menos quase na subida. E era uma pedra que ela colocava em risco a vida dos moradores, e aquela pedra [barulho com a mão sinalizando que demorou tempo para tirarem.] E mais uma coisa, porque quando eles se candidatam ele vão lá no ponto fraco da pessoa, do morador, da necessidade e começa a prometer aquilo pra ganhar o voto. Outros também falavam que iam tirar a pedra. Os próprios moradores pediam para tirar aquela pedra daqui porque ela corria o risco de rolar e passar por cima de casas, e matar pessoas, ferir pessoas. E ele foi e tirou aquilo, fez maior diferença, uma segurança, um alívio que deu para os moradores. Essa pedra é muito famosa.

LCB: Ele quem que você falou?

SFS: O Zito! Foi o Zito! Foi quando ele calçou aqui.

DO: Mais alguma lembrança da construção da Vila Operária?

LCB: Você se lembra da escola já pronta ou você viu a escola sendo construída?

SFS: Olha, essa?

LCB: Do Barbosa.

SFS: Do Barbosa eu não me lembro muito não.

LCB: Lembra só dessa daqui, não é?

SFS: Eu não me lembro muito dessa daqui. Me lembro dessa daqui quando construiu, ai não tinha muro. Ela começou pequenininha sem nada. Ai não tinha muro, a gente brincava muito lá. Ai foram fazendo os muros, melhorando as salas de aula. Infelizmente eu não me lembro muito não porque foi a muito tempo, não é? E as memórias assim você não registra.

LCB: Você se lembra quem era a diretora na época?

SFS: A diretora era a dona Nilza, tinha a dona Elizete e tinha a dona Erci. Nossa, eu acho que era a dona Erci. Tinha a dona Elizete, alta e loira. E uma baixinha... Erci, Nanci. Lembro da Maria, a Maria era merendeira.

DO: HmMMM!

SFS: Nossaaaa!

VLFS:. Ela diz que é tímida, imagina se não fosse. [risos]

Eu melhorei, mas eu sou muito, muito. E já fui muito, muito, muito. E eu agradeço a Janete.

SFS: Eu sou tímida, mas na realidade eu gosto muito de escrever, então no colégio eu fazia muita redação, ai... Antigamente, eu não sei se hoje ainda tem, tinha partido verde, partido azul, tinha esse negocio aqui no grupo do...

DO: Grêmio?

SFS: Não! Que você ajudava o professor a tomar conta do colégio. Ai em cima tinha muito isso na minha época.

DO: Representante de turma?

SFS: É! Isso mesmo! Representante de turma. Mas eu acho que tinha outro nome. Ai tinha a votação, escolhe o grupo. Minha barriga esta roncando.[risos]

LCB: Vamos da um stop?

SFS: Vamos!

LCB: Vamos aproveitar a sua barriga roncando. [risos]

VLFS:. Agora deu um stop ai, não é? Fui lembrar um negócio aqui. Eu gosto de ver a novela do SBT porque é mais infantil, eu gosto de criança. Então eu agora vou ver essa novela. A novela é na escola e tem aquela menina que é representante, tem o voto pra fazer.

SFS: É o grupo.

VLFS:. Eu não me lembro de ter vivenciado isso porque eu sempre fui quieta, se me

colocasse no grupo eu não ia fazer nada. E ela não, ela sempre foi assim.

SFS: Eu me envolvia porque os professores assim... Precisava, não é? Tipo vc, tem o... Tá parado?

LCB: Não, tá gravando!

SFS: Quer continuar? Continua ai.

LCB: Eu vou parar quando vocês pararem.

SFS: Tá!

LCB: Tá piscando aqui, eu vou parar.

VLFS:. Pode parar!

SFS: Para, depois eu continuo.

LCB: Então vamos parar aqui.

SFS: Porque falar do colégio é muito bom. Tempo bom.

LCB: A bateria já está acabando.

VLFS:. Eu vou me esquecendo.

SFS: Vai mudar agora?

LCB: Vou mudar a bateria.

SFS: Vocês querem comer alguma coisa?

LCB: O seu estomago quer! [Risos] Deixa eu desligar pra não gastar bateria. (pausa) Cadê a raquete? 396. Gravação 396 agora com a câmera do Maurício. Então vamos começar falando do nome da sua mãe. Você fala o nome dela todo.

SFS: A minha mãe é a Dona Anastácia Ferreira Santos , nascida na Bahia em 1953. Nossa rainha, heroína, guerreira, que veio da Bahia deixando 5 filhos e fazendo o 6º aqui que sou eu, e depois trazendo todos pra cá e começou a jornada dela aqui na Vila Operária.

LCB: O que você lembra desde criança até hoje dos governos da Vila Operária? Você falou do Zito como exemplo, você se lembra dos outros governos?

SFS: Olha, eu acho que o que ficou marcado pra mim foi o Zito. Teve o Hydekel . Agora a pouco tempo teve o Alexandre Cardoso que pra mim não foi um bom governo. Tinha o Dica que ainda tá candidato a deputado. Também tem o tio maninho da fisioterapia que tinha um posto que ali fazia fisioterapia e tem atendimento, tinha, mas foi fechado, ele também ajudou um pouco aqui nessa questão de saúde, muita gente foi beneficiada com o posto dele. Agora assim, realmente eu não consigo lembrar muita coisa dos outros não.

LCB: Mas você falou que foi cabo eleitora?

SFS: Do Seu barbosa

LCB: Como que isso se iniciou? Como você conheceu ele?

SFS: Eu conheci através da minha mãe porque a minha mãe. Como moradora antiga ele ajudou muitas mães aqui, muitas pessoas daquela época que tinha alguma dificuldade, que precisava de algum auxílio tipo um médico, uma ajuda em questão de colégio, essas coisas. E era através do Seu Barbosa, ele que ajudava os moradores, ele foi um marco na Vila Operária.

Ajudou muita gente mesmo. E aí eu completando 18 anos teria que votar, aí maioria das pessoas começam a trabalhar como cabo eleitoral. Antes era 18 não é, agora já é 16. Aí eu trabalhava, era um ajuda de custo também pra mim, não é? A gente ganhava era 100 reais eu acho. Você começa a saber um pouquinho da necessidade do bairro porque ele trabalhava em cima disso. Aí a minha mãe falou pra eu trabalhar com ele e eu fiquei lá fazendo.

LCB: Você se lembra pra que ele se elegeu?

SFS: Acho que foi a vereador.

VLFS:. Eu não lembro!

SFS: Acho que foi a vereador sim que ele se candidatava sempre.

LCB: Então você sempre... Eu sei que você já falou no início, mas você sempre morou aqui?

SFS: Sim, eu sempre morei aqui.

LCB: Nunca saiu?

SFS: Eu nunca sai.

LCB: Essa foi sua primeira casa?

SFS: Foi aqui que tudo começou

LCB: Fala um pouco da lembrança da casa.

SFS: A casa era madeira, a princípio foi para segurar o lote, aí minha mãe construiu com madeira. Acho que era até com caixote.

VLFS:. Tabuas!

SFS: Tabuas, não é? E aí depois construiu um cômodo de cimento, não é? Com aqueles barros vermelho, tijolos. Depois foi melhorando e construiu um quarto. Depois construiu outro.

LCB: Chegou algum momento da vida de vocês que os filhos ajudaram a construir?

SFS: Sim. Quando chega um certo momento que os filhos começaram a trabalhar e foram ajudando ela, a minha irmã, o meu irmão.

VLFS:. No final de ano com aquela bolada do 13º, férias...

SFS: Aí juntava o dinheiro e aí fazia uma obrázinha maior. Aí dava pra você fazer tipo assim, um cômodo. Agora vamos fazer outro cômodo. Entendeu? E por aí que era porque a minha mãe nunca tirou férias, ela só trabalhava, trabalhava, trabalhava. E era só pra investir

aqui, nos filhos dela, na casa dela.

VLFS: Sempre ajudando os filhos. Esses quartos aqui, um pra lá e outro pra cá, são porque era para os filhos.

SFS: Aqui nessa sala morava a minha irmã. Ela construiu aqui e minha irmã morou aqui durante uns anos com os seus filhos até comprar também um terreno aqui na mesma rua. Ai a minha irmã também construiu uma casinha pra ela e agora quem mora lá é meu sobrinho com o filhinho dele. Ali morava meu outro irmão com as filhas dele e a mulher dele, tudo junto. Um em cada cômodo, a gente tinha um espacinho nosso. Depois eles foram se acertando, terminando a casinhas deles, e ela pode ficar com a casa.

VLFS: Esse meu irmão que mora aqui em cima ele também depois morou aqui, porque nisso meu irmão havia falecido ai a minha cunhada quis voltar pra casa da mãe dela, ai já ficou com o meu irmão. Construiu lá em cima pra ele enquanto ele ficava aqui, ai depois passou lá pra cima. Ai foi quando a gente foi se acertando aqui, ai já...

SFS: Ela nunca quis sair daqui. Nunca quis. Eu cheguei a comprar um apartamento pela caixa economica, ele está alugado, é ali em Bonsucesso. Eu falei: “Mãe vamos sair daqui” Você que mora aqui sabe a dificuldade, apesar de eu adorar esse lugar, mas muita coisa acontece aqui que não é bom para o trabalhador, para o estudante, para o idoso, para os jovens, para as crianças. Então eu: “Mãe vamos sair daqui, vamos para um lugarzinho mais longe daqui.” Ai comprei e ela não quis porque, “eu moro aqui, nasci aqui e não vou sair daqui, eu gosto do meu lugar, gosto da minha igreja, meus filhos estão todos aqui, tem meus netos aqui. Eu não vou sair daqui não, minha filha. Eu só saí daqui quando eu morrer.” E foi o que aconteceu. Ela realmente não quis ir, ai eu também não fui e fiquei com ela, porque eu não ia abandona-la aqui. Como ela me criou, eu tinha como obrigação e até prazer de cuidar dela. Ela estava precisando de mim, eu não podia deixá-la. Se não era bom pra eu e pra ela, imagina ela sozinha. Quer dizer, não é bom, mas chegou um momento que não estava um lugar tranquilo pra se morar, pra se viver. Eu ficava preocupada às vezes eu chegava correndo e não podia subir porque tinha esses eventos ai de tiro, ai não podia entrar. Eu ficava muito preocupada porque ela ficava sozinha, entendeu?

LCB: Mas você chegou a morar em outro lugar em algum momento?

SFS: Não, eu nunca. Comprei mas desde o momento que ela não quis ir, eu aluguei e até hoje é alugado. Eu nunca saí daqui também. A minha vida, a minha rotina é esse: Vila Operária, meu trabalho, ai dava umas voltinhas porque depois que ela adoeceu ficou difícil e eu não podia deixa-la sozinha em casa, então eu tive que para de sair, de viajar para ficar

cuidando dela.

Ficava eu e ela aqui, ela no sofazinho dela vendo a TV dela e eu tomando conta dela.

LCB: Você falou que quando ela chegou aqui já tinha esse norteamento pra ela?!

SFS: Já estava reservado.

LCB: Já estava reservado. Você tem alguma coisa de escritura de casa, algum documento falando que a casa é de vocês?

SFS: Não, escritura a gente não tem não.

VLFS:: Eu acho que não deve ter não.

SFS: Teve até uma reunião ai com o Oswaldo, eu acho que tem uns 2 anos isso, que ele falou que ia regularizar. A gente pagou muitos anos IPTU, eu tenho os carnês. Minha mãe pagava tudo direitinho até eles falarem que ficou isento que estávamos isentos, talvez por moramos em área de risco, acho que é esse o motivo. Mas têm todos os carnês guardados direitinhos, a gente pagou tudo por muitos anos, muitos anos mesmo. Agora questões de escritura falaram que ia regularizar, foi na reunião da quadra com Oswaldo só que não deu nada, pelo jeito não deu em nada.

LCB: Foram lá em casa também e mediram a casa.

SFS: É, então, não deu em nada, não é?

LCB: Oswaldo morreu e não deu em nada.

SFS: Veio até uma senhora aqui, dona Maria, Maria do Socorro, sei lá. Até através dele mesmo pra saber de morador, veio até aqui por eu ser mais antiga, tudo por causa do que teve ai... Como é o nome do que teve ai dos grafiteiros?

LCB: Mof

SFS: Mof, não é? Ai ela: “É que eu vi sua entrevista, podemos conversar?” Pode. Ela veio aqui à noite e conversou comigo, disse que a idéia dele era regularizar isso tudo, não é? Eu acho que ela estava trabalhando junto com Oswaldo. Era regularizar tudo, ficar tudo bonitinho, e eu falei que era ótimo porque as pessoas que começaram aqui, fundaram aqui tem o direito, não é? E eu esperando, pois seria o ideal cada um ter uma escritura, não é?

LCB: Vocês nunca chegaram a receber nenhuma carta de nenhum prefeito? **SFS:** Não, nada! Que eu me lembre nada. Você se lembra?

VLFS:: Não.

LCB: Você se lembra alguma coisa da associação de moradores? De como era a convivência de vocês com a associação, se sua mãe era associada?

SFS: Nunca. Minha mãe nunca se associou a nada, o negócio dela era com ela e o trabalho. Ela nunca gostou de se envolver nessas coisas, e eu também nunca quis, nunca tive de ir na

associação. Há pouco tempo teve... O correio não vem aqui, ai vai lá pra associação as correspondências, ai você tem que buscar no correio e tem dias e horários. Quartas e quintas ou quintas e sextas, a partir de 14hrs as 16hrs, isso é um absurdo. Mas muitos tinham que ir lá pegar as correspondências na associação.

VLFS: E quem é que pega lá nos correios? A associação?

SFS: Não, eu acho que tinha uma pessoa aqui que ia lá no correio e pegava de todo mundo e trazia aqui pra associação e os moradores iam lá. Só que muitos reclamavam, chegava lá e não tinha, num sei o que. Eu mesma, particularmente, eu mandava lá pro meu trabalho. Eu colocava o endereço de lá até porque eu não fico em casa. Botei até da minha sobrinha e do meu sobrinho, a correspondência vai pra lá. De associação a gente não tem envolvimento, a rotina nossa é essa.

LCB: E você falou sobre a história da sua casa, a história de cada cômodo, você dividiu bem. Depois que a gente terminar a gente vai da uma olhada aqui por fora, filmar pra poder... (interrompida)

SFS: Ai meu Deus, eu estava fazendo obra, lembra que você... (interrompida)

LCB: Ta ótimo!

SFS: Que nada, eu acabei aqui dentro. O menino ia terminar aqui fora, tu viu que esta com entulho ali?

LCB: Uhuumm.

SFS: Ele ia acerta aquilo ali, ele ia vim hoje por isso que quando você me perguntou se poderia ser sexta-feira, eu demorei a responder. Ai depois ele me mandou um áudio ontem respondendo que não poderia vim hoje, pois pegou outra obra. Ali fora nem deu tempo deu arrumar, vou por um negocinho ali.

LCB: Não precisa não, pois a gente vai só da uma filmada na casa. O professor vai vim aqui de novo porque ele quer te conhecer, ai filmamos, relaxa. [risos] Não esquenta a cabeça. Pra você... Pra vocês duas a pergunta. O que vocês pensam quando vocês ouvem a palavra propriedade?

SFS: O que quer dizer?

LCB: É! O que vocês pensam sobre isso? O que é propriedade pra vocês?

SFS: Olha... (interrompida)

LCB: Qual o sentido?

SFS: A propriedade é algo que é próprio seu, não é?! Então, no caso se você esta se referindo a casa, acho que essa casa é nossa porque temos o direito a partir do momento em que pagamos imposto, fomos os primeiros a chegar aqui, a fundar aqui, pelo tempo que

estamos aqui. Acho que é o direito nosso ela ser nossa moradia, entendeu?

LCB: Você quer falar mais alguma coisa sobre isso?

SFS: Acho que não. Acho que todos que chegaram aqui naquela época, não só eu e minha mãe, e fundaram isso daqui, construíram isso daqui a anos e anos. São 54 anos, não, 50 e...

Porque você tinha 3.

VLFS:. Você é 54, eu 56.

SFS: Então, por ai, são 56 anos morando e cuidando, até porque nós construímos algo num lugar que não tinha nada, não era de ninguém. A gente não invadiu. Muitos tem direito a escritura, que é o certo, não é?

LCB: E quando vocês chegaram não tinha água, não tinha nada não é?

SFS: Não tinha nada! A gente buscava água lá no morro do outro lado do cemitério, botava lata d'água na cabeça. A gente cantava assim: "Lata d'água na cabeça, lava lá." Subiamos o morro... (interrompida)

VLFS:. Qual o nome daquela coisa que colocávamos na cabeça?

SFS: Caçamba!

LCB: No cabo de vassoura.

SFS: Era caçamba. A gente botava assim como balança e vínhamos. Depois foram os poços, foram cavando. Por exemplo, lá em baixo a dona cavou poço.

VLFS:. Lá na primeira casa da rua.

SFS: Primeira casa da rua lá em baixo, ai cavaram poço. Deu bastante água e ela dava para os moradores daqui.

LCB: A rua que você fala é da escada?

SFS: É aqui mesmo, no final da rua. Ai a gente ia buscar água lá na casa dela, ficava mais próximo, ne? Em vez de vim lá do morrão, atravessar a rua do cemitério para subir aqui, a gente pegava daqui. Depois a minha irmã na casa dela fez um poço, mas não foi muita coisa. Do lado da rua tinha a rua da dona Maria que era nos fundos da casa da minha irmã, também tinha poço. Muitos fizeram. Da onde a gente pegava água era dos poços daqui, ai a gente carregava água da casa da dona Maria, da minha irmã. Da minha Irma não deu muito não, tanto que depois ela fechou, tampo o poço. Mas da casa da dona Maria a gente pegava ali e trazia pra casa.

LCB: Você se lembra quando a água chegou ate aqui na sua casa? Como foi a água encanada?

SFS: Eu acho que foi a partir do saneamento, ai ele botou água. Aqui atrás tem valas, ele também botou manilhas.

VLFS: Foi quem? Eu não me lembro.

SFS: Eu não me lembro não, sinceramente. Acho que quem botou água... (interrompida)

VLFS: Acho que não foi o Zito, foi bem antes. Realmente não me lembro.

SFS: Você não se lembra também não?

LCB: Não.

SFS: Sua mãe também não se lembra?

LCB: Não.

SFS: A sua mãe sempre morou ali em baixo?

LCB: A minha mãe ela morou... (interrompida)

SFS: Eu sempre a vi muito aqui em cima.

LCB: Ela morou aqui. Esta meia doentinha, não consegue andar muito, fazer grandes caminhadas. Ela tem maior saudade de vim aqui visitar os amigos, mas ela não anda muito mais, o máximo é ir na feira e voltar.

SFS: Sua mãe ta nova, não é?

LCB: Ta nova, mas estar com muitas dores.

SFS: É joelho?

LCB: É tudo, a coluna. Tem dias que ela acorda chorando, tem dias que acorda melhor.

SFS: Caramba!

LCB: E ai a gente morou na Joaquim na casa de uma tia mais lá para cima. Depois a gente foi pra Mina. Nessa rua da minha a gente morou numa casa que era a única casa de telha que tinha, e ai a única casa que tinha poço, mas não era poço artesiano não, ela aquele poço de terra.

SFS: Mas o nosso poço aqui não era artesiano mesmo não, era aquele que puxa com caçamba, manilha.

LCB: E ai ela fornecia água para o pessoal da rua toda.

SFS: Igual aqui em baixo, mas não é poço artesiano não, aqui também foi poço d'água que fala. Acho que era poço d'água. Ai pegava e botava a manilha, tinha aquela correntilha, sei lá o nome. Ai era corda com caçamba e puxava a água. Era o nosso sustento de água. Era o que abastecia as casas dos moradores antes. Agora infelizmente eu não me lembro quem colocou esse cano não. Eu imaginei que fosse junto com o zito, pois quando ele calçou isso daqui ele concertou.

VLFS: Não porque já existia água aqui. Quando o Zito fez isso aqui eu já não estava mais morando aqui.

SFS: Tem outro. Tinha um Euclides também, não é Vera? Tentava muito fazer alguma coisa

pela Vila Operária, se lembra?

VLFS: Mas ele não era nada, não é?

SFS: Acho que ele só apoiava os candidatos. Olha, história de política é muito complicado, entendeu? E eu peço até desculpa se eu estiver sendo injusta com algum governante aqui da Vila Operária porque realmente o nome que ficou pra mim é Seu Barbosa. Eu me lembro muito dele como pessoa, trabalhei com ele, gente muito importante aqui, muito honesta, muito bacana, um grande homem e o Zito que realmente fez essa obra aqui que muitos disseram que ia fazer e não fizeram. Então tem muito morador que é muito grato ao Zito. Se eu estiver sendo injusta com alguém outro.

LCB: Não esquenta a cabeça não! E na gestão do Osvaldo aqui como vereador, as melhorias, alguma coisa, você quer acrescentar? Deixa só eu dar um stop aqui. (Pausa). Pode falar!

SFS: Eu tenho uma grande admiração pelo Osvaldo, Entendeu? Sempre estive aqui com a gente. Ééé... Quando a gente... Infelizmente a política aqui... Temos esse cemitério aqui que antes eu acho que era da prefeitura, não sei como se fala. Hoje em dia ele é privado, então uma das coisas desagradável é quando falece uma pessoa e você não tem condição, não tem onde enterrar. O Osvaldo sempre esteve à frente de muitos moradores, ajudou muitas pessoas nesse tramete aí. Outra coisa também é água, faltava muita água mesmo tendo encanação aqui. Faltava muita água, e em época de política, época de eleição era uma complicação. Não sei se era uma jogada política, a gente não pode afirmar coisa que a gente não tem certeza, mas que acontecia muito, e ele estava sempre na frente, entendeu? Tentando ajudar, tentando resolver, tentando escutar o morador. Eu sinceramente, eu gostava do Osvaldo. Se as outras pessoas tem outra opinião dele, a minha opinião é essa, pra mim ele ajudou. Infelizmente ele faleceu, até principalmente para a família dele, não é? Porque é um ente querido que se vai, e pra gente aqui que ficamos um pouco órfão. É o que eu penso. Ele estava até vendo a questão dos ônibus aqui, que é uma falta de respeito, falta de consideração essa linha união tem com os moradores da Vila Operária. A impressão que nós temos é que aqui não tem ninguém que preste, porque tratam a gente como eles querem e sem respeito e dignidade nenhuma. Ficamos no ponto do ônibus esperando o ônibus por meio hora, 40 minutos, 50 minutos, entendeu? É criança, é idoso com dificuldade para subir com compras, e está lá esperando o ônibus que passa a hora que quer. Ele estava a frente disso aí tentando resolver. Foi lá na garagem da união, tentou resolver algumas coisas e aí infelizmente aconteceu, ele faleceu. Que Deus o tenha em bom lugar! E o ônibus continua uma porcaria, você fica ali em cima esperando o ônibus, fica em Caxias, e não tem 25 de agosto. Como se nós fossemos

nada, aqui em cima tem trabalhador, estudante, tem gente do bem, entendeu? Tem criança, tem idoso, tudo isso que precisa, mas eles não estão nem aí. Os motoristas muitas das vezes com má vontade. Eu sei que o trânsito daqui de Caxias pra cá é complicado, o itinerário que eles fazem é complicado, as ruas são apertadas, tem moradores que põe carros aonde não é para por e dificulta o motorista também de dirigir. A gente tem que ver isso também. Sabe que ali vai passar o ônibus, não põe o carro ali. Ai o motorista do ônibus fica, coitado, com uma dificuldade para passar o ônibus na rua, e acaba ficando estressado também. Ta ali trabalhando já com dificuldade sabe se lá o que ele esta sentido e ainda vem uma pessoa que não tem um pingão de educação e coloca o carro aonde não é pra por e atrapalha, aí o motorista já não quer trabalhar na linha e fica com falta de motorista e embola tudo. A fiscal segura o ônibus, entendeu? Já fui até para outra questão [risos]. É porque eu estava falando do Osvaldo e o Osvaldo estava tentando rever isso para a gente, mas é o Osvaldo, não estou falando do partido do Osvaldo, eu estou falando do Osvaldo em pessoa e o que ele ajudou, tentou ajudar e fazer aqui pela a gente. Eu tinha o Osvaldo, eu como até um amigo, entendeu? Não de bate papo, de ficar sentado, porque eu nunca tive esse tempo com ele, nunca tive tempo também e nem ele. Mas era uma pessoa que você podia chegar até ele, mesmo ele eleito, podia chegar até ele e ele te escutava, ele te ouvia, tentava te ajudar, entendeu? Pra mim, na minha opinião é essa sobre ele.

LCB: Pra gente finalizar aqui dentro e depois a gente vai lá fora para mostrar o grafite pra sua irmã e tal. Pra vocês duas. Ééé... O que Vila Operária... Vocês pensam se Vila Operária é favela ou não?

SFS: Eu não acho que a Vila Operária seja uma favela, apesar que as pessoas dizem que é hipocrisia ficar falando que é comunidade mas eu tenho uma visão diferente de favela. Aqui é um morro, favela pelo que eu entendo é um monte de barracos, tudo apertado e aqui não. Aqui é um bairro até, eu acho que não é.

VLFS: Eu concordo, não vejo como favela. S

FS: Aqui não tem só favelado!

VLFS: É morro porque, aliás, a Vila Operária e a 25 de agosto tudo é, tem esse sobe e desce. Então pra mim, é um morro.

LCB: Você fez uma boa comparação!

VLFS: Porque tudo é assim, não é? Até se você quiser ficar lá na parte de cima, Zona Sul, 25 de agosto, é horrível, é ladeira. Tu sobe, tu desce, tu olha lá em baixo. É a mesma coisa aqui, a diferença é... Tanto que nas outras ruas ali em cima... (fala interrompida)

SFS: Sobe com carro, passa...

VLFS:: Então, pra mim só morro!

LCB: E a Vila Operária no pensamento, no sentimento de vocês. O que é Vila Operária pra vocês?

SFS: Pra mim, assim, eu penso muito na minha mãe pra fazer da Vila Operária. Minha mãezinha Anastácia, que Deus a tenha no céu descansando em paz. Beijo mãe, te amo. Ela amava esse lugar. “Minha filha, a Vila Operária é muito boa.” É o que ela dizia. “Aqui é o paraíso, não vai para outro lugar, aqui nós somos amigos, todo mundo se conhece, é bom para

Viver.” E olha o que eu vou te dizer, eu acho que aqui é um lugar bom pra se viver mesmo, tem lugar pior que aqui. É bom você acordar, passar ali na barraca e “Oiiii, bom dia Seu João, bom dia Dona Maria. Bom dia Vizinho.” Todo mundo se conhece, entendeu? Tem umas pessoas que vieram pra cá para estragar um pouquinho, mas... (fala interrompida)

VLFS:: Essa parte que eu ia falar, eu acho que a Vila Operária é um lugar muito bom pra se morar. Era muito diferente das outras, não é? Dos outros lugares que chamam de favela.

SFS: Tem a família toda aqui. A minha família praticamente toda aqui, mora aqui. Meu sobrinho casado aqui, minha irmã aqui, minhas sobrinhas moram ali. Então, todo mundo acorda, você pode ir e vim a hora que você quer, pegar um sol desse lindo. Você vai lá em cima anda de bicicleta e vai na barraca. Você faz churrasquinho na sua casa com a sua família. Aqui é a casa da vó, da dona Anastácia, é aonde se reuni todo mundo. É porque vocês estão aqui hoje e ninguém apareceu, mas você chega aqui sábado, você vai ver essa casa aqui, não tem espaço para as pessoas sentarem, a minha irmã falou: “Nossa compraram mesa com 6 lugares [risos], é exagero.” Ué, mas vem todo mundo pra cá porque as pessoas gostam daqui, se sentem bem aqui. Não tem coisa melhor do que você sair do trabalho e saber que você pode ir pra sua casa, principalmente num momento hoje que está tranquilo tudo em paz aqui. Você chegar na sua casinha, se quiser parar pra tomar um guaraná e conversar, assim, parou bate um papo, fala de futebol, da família, o botafogo da minha mãe que ela era botafoguense doente, doente não, saudável, ai um zoa o outro, um fala do fluminense, outro do... Pra mim é uma maravilha. Se melhorasse um pouquinho a condução, que é o ônibus 25 de agosto. Deixa muitas pessoas que precisam fazer fisioterapia, senhoras, crianças que estão indo para o colégio, pessoas idosas, doentes que às vezes querem subir, a gente tem que subir a ladeira a pé. Ficaria ótimo! E a segurança que é muito importante, não é? Você tem que ter paz aonde você mora pra você viver bem, viver até saudável, não é? Porque sem isso ai você fica até doente.

LCB: Isso ai! Agora a gente vai fazer o seguinte, eu vou te acompanhar para a parte externa e você vai me mostrar à frente da sua casa.

SFS: Eu posso botar um saco em cima ali? Deixa eu botar um saco preto em cima ali.(Pausa)

LCB: Vamos fazer o seguinte, a gente vai sair daqui e você vai me mostrar a sua casa, vai mostrar pelo lado de fora e a gente vai falar da história do grafite.

SFS: Beleza! Vamos sair daqui por aqui.

LCB: Isso! Quando você falar já Maurício.

SFS: Ai eu vou mostrando? Vou falando?

LCB: É! A senhora pode falar assim: Essa parte da casa... A gente está indo aqui pra fora aonde tem o grafite.

SFS: Beleza!

LCB: Show!

VLFS: Agora é só ela, não é?

LCB: É! Não precisa você, só se você quiser ir. Pode ser Maurício?

Mauricio: Pode!

LCB: Pode falar.

SFS: Bom... Então, aqui vamos sair daqui da sala da minha casa, da casa da dona Nastácia, que ela começou a construção. Vamos conhecer um pouco aqui fora a obra de artes dos chilenos. Tem a foto deles ali, tu quer ver?

LCB: Quero!

SFS: Deixa eu pegar aqui que tá até a imagem melhor. Tudo novinho. Olha eles aqui, os verdadeiras artistas que vieram aqui e fizeram a nossa arte. Espero que eles voltem esse ano, em 2018 em dezembro, em novembro, não é? Pra dá uma retocada, vocês vão ver que ficou lindo, mas está se deteriorando um pouquinho lá fora. Vamos lá? Aqui é a varanda. Vocês me desculpem a bagunça, é que está em obra que a gente vai fazendo aos pouquinhos. Casa de pobre é assim mesmo, é aos pouquinhos que a gente vai fazendo. Olha que bonitão esse daqui, é o Rony.

Conheceu muito bem a minha mãe. O que você tem a dizer da dona Nastácia? Rony: Gente boa toda vida!

SFS: Pequeninho morou aqui com a mãe dele nessa casa aqui do lado. Não é Rony? Dona Nastácia sempre que o viu chamava: RONY! Minha mãe também adorava esse menino. Quando pequeno era loirinho [risos], e a mãe dele também vem pra cá sempre. E aqui é a arte dos chilenos em homenagem a minha mãe, que eu pedi pra pintar na época. Infelizmente ela está deteriorada, descascando, eu gostaria muito que eles viessem aqui novamente, eu desejo que isso aqui fique ai pra sempre, a foto dela. Não quero mexer, não quero que ninguém mexa para que eles apareçam ai novamente pra retocar ai, ou lixar e fazer de novo.

DO: Quando ela faleceu?

SFS: A minha mãe faleceu há 6 anos. Foi em 2012. Foi em junho de 2012. Ela tinha problema de asma e todo ano ela ficava meio doentinha na época do inverno, do outono. Ai ela ficava internada. Graças á Deus um planozinho que podia pagar, ai ela ficava internada. Só que da última vez ela complicou um pouquinho, não é? Ela nem foi internada com pneumonia só com uma dificuldadezinha pra respirar. Levei no Mário Leoni ai lá cuidaram dela e acharam que ela devia ficar internada no CTI porque ela sentiu mal. Eu achei que ela não devia ficar porque ela não gostava, ela gostava de ficar comigo, sempre me dizia: “Filha, não me deixa aqui não, me

Leva pra casa.” Ela adorava essa casa dela. Mas os médicos acharam melhor ela ficar lá só que durante a noite ela deu um surto, que eles falam lá. Ai tiveram que dar um remédio pra ela para acalmá-la. Eu acho que mexeu muito com ela então ela ficou muito mole no outro dia, foi um choque vê-la assim, horrível isso. E ai perguntamos o que houve e disseram que

ela teve um probleminha durante a noite e explicaram que tiveram que dar um remédio e disseram que passava. Só que ela infelizmente não voltou a mesma coisa. Ela foi para o quarto mas não progrediu, foi complicando. Deu infecção urinária, problema no sangue, glicose aumento e infelizmente ela ficou uns dias entubada, sedada, essas coisas. E Deus achou melhor, que era melhor ela descansar, entendeu? Eu orava, ia pra igreja de Fátima, eu andava meio perdida. A gente fica orando pedindo pela saúde, pela melhora das pessoas mas teve uma época que eu pedia a Deus para tira-la do sofrimento que era melhor. Eu queria ela aqui, mas não queria sofrendo, queria ela bem. Como ela estava sofrendo eu comecei a pedir a Deus para ela parar de sofrer e se fosse isso que ele queria, levar ela, que fosse feita a vontade dele. Creio que ela está bem, olhando para os filhos dela, feliz até por eu está falando dela. Ela é uma pessoa que se dava, falava muito, conversava, contava muito casos pras crianças historias dela lá na Bahia.

Hoje ela esta bem, tenho certeza que esta bem lá no céu. Fizemos essa homenagem pra ela Porque minha mãe merece, foi um guerreira, uma heroína, um exemplo de vida, de educação, de lição para os filhos. Minha mãe foi, foi a minha mãe Anastácia.

LCB: Sua historia é linda! Muito obrigada pelo seu depoimento. Estou emocionada aqui. É muito lindo cara, ela merece toda essa homenagem.

SFS: Merece!

LCB: São vários depoimentos, vou deixar esse ai só pra ela. Especialmente pra ela.

SFS: Ata! Você iria gostar muito de ter conhecido a minha mãe.

LCB: Eu tenho certeza!

SFS: Ela ia te tratar muito bem, ia te contar histórias. Olha uma vez ela contou que tinha um gato [risos]. Eu estava lá na Bahia, olha a história da minha mãe. Ai o gato entrava lá pra comer as coisas. Um dia ela pegou e foi da um pau no gato. O gato pulou e começou a falar: Não me bate não. O gato falou com a minha mãe. Exagero de dona Anastácia [risos]. O pessoal a chamava muito de tia Anastácia, aquela do sitio do pica-pau amarelo. A minha mãe era uma Dona Anastácia, cuidava de todo mundo, se preocupava com os vizinhos, se preocupava com os filhos, os netos, era uma mãezona. Também era um pai porque eu não tinha pai, ele só me fez e me abandonou, não quis saber de mim. Mas ela fez com que eu não sentisse falta dele em momento nenhum. E mesmo assim ela nunca falou mal dele, ela até dizia que eu tinha que procura-lo. Se meu pai tivesse sido um pai pelo menos no dia que eu procurei por ele, que eu pedi pra ele me ajudar arrumar um emprego, mas... É só isso que eu sinto dele. Mas a minha mãe nunca deixou eu sentir falta de pai pois ela foi mãe e pai, uma avó, uma amiga pra todo mundo, era minha amigona. A gente ficava ali conversando.

Quando eu falei que ela adoeceu e não podia sair, a gente ficava vendo televisão, ela torcia pelo botafogo e eu pelo meu flamengo. Às vezes eu ficava até triste por torcer pelo flamengo contra o botafogo dela quando jogavam, por causa dela, não é? Eu não queria vê-la triste mas ela me desculpava. Eu sou flamenguista, não é? Não tem jeito, mas também ficava feliz quando o botafogo vencia. Viu o botafogo lá? Mas tá feio. Aqui tinha uma bandeira do flamengo, mas ali eu reservei um pedacinho pra ela, para o botafogo. Ela ganhou uma blusa do botafogo do meu amigo Fabinho que trabalhou comigo e quando eu a sepultei eu coloquei a blusinha do botafogo nela porque ela era apaixonada pelo botafogo e pelo Brasil. Seria uma grande jogadora de futebol, ela falou que se fosse eu seria técnica. Eu já joguei futebol, umas bolinhas por ai, já tive meu momento de fama, já sai até no jornal jogando bola. Gostava muito de futebol, puxei a minha mãe, não é? Ela gostava muito de futebol. Então, você ia gostar muito de conhece-la.

LCB: Estou gostando muito de conhecer a filha dela!

SFS: Que bom! Obrigada, ta?

LCB: Com muito carinho.

SFS: Falta muita coisa pra eu falar, se eu fosse falar tudo dela.

LCB: Muito bom conhecer mais da sua mãe. Ainda mais por você, ver todo seu carinho e dedicação.

SFS: É um prazer. Mas é simples falar de mãe, é muito fácil. Ainda mais então que foi uma mãezona, uma pessoa maravilhosa, só me deu bons exemplos, minha mãe nunca me deu um mal exemplo. Até de falar assim: “Minha filha, nunca leve desaforo pra casa.” Ela falava. Ela era danada, deitava no chão e caia na porrada com uma aqui na rua.

LCB: A gente pode considera ela como um exemplo de mulher.

SFS: Um exemplo de mulher para o mundo, não só pra Vila Operária. Um exemplo de mulher pra ser copiado, entendeu? Porque uma mulher que sai analfabeta da Bahia e vem para o Rio de Janeiro numa época de 1960 por ai, sem nada. Não tinha nada aqui só um pedacinho de chão pra ela construir uma casa e sustentar 5 filhos que ela já tinha. Analfabeta sem conhecer ninguém, só tinha meu primo e mais ninguém, o resto da família ficou na Bahia. Começou a trabalhar no Rio de Janeiro, constrói uma casa, constrói uma família, matriarca da família.

Trabalhando muito em casa de família, na casa de um, na casa de outro, começou a costurar, a cortar. Deu exemplo de educação pra nós, de respeitar as pessoas. Minha mãe dizia: “Sabe o que é amigo? É um bom trabalho e dinheiro no bolso.” Minha mãe dizia, ela não gostava que a gente ficava em casa de amigo passando o dia. Ela dizia que o certo é cada um ficar na

sua casa.

Amigo é um bom trabalho e dinheiro no bolso, você tem que trabalhar, estudar, ter seu dinheirinho, ter sua vida e se formar. Nada de ficar de bagunça, de farrá em casa de colega. Fica incomodando na casa dos outros. Cada um na sua casa, era assim. Então, falar dela é muito fácil. Guerreira, trabalhadora que lutou pra da educação pra mim e para os meus irmão. Exemplo para os filhos, netos, bisnetos. Chegou a conhecer dois bisnetos. Os vizinhos falam muito bem dela. Então é fácil falar da minha mãe. Parou, paro de fazer [risos]... Posso falar?

LCB: Pode!

SFS: Depois que a minha mãe me teve, ela falou: “Agora parei, parei até de namorar, de fazer sexo pra cuidar dos filhos.” [risos] Então ela é uma pessoa que abriu mão de tudo pra poder eu vim, fiquei com ela. E eu dizia pra ela: “Mãe quando eu crescer eu não vou casar porque se eu casar não vou poder levar a senhora. E eu quero levar a senhora.” Ela dizia isso pra todo mundo. E graças a Deus eu consegui. Isso é uma coisa que me dá alívio porque não foi uma obrigação, não foi. Eu tinha que fazer por ela o que ela fez por mim, ela abriu mão da vida dela por mim, pelos filhos dela. E eu não deixei de viver, eu simplesmente deixei de ir pra farrá porque tinha que ficar com ela, e eu fiquei com ela aqui, cuidei dela, dava banho nela, colocava comia e ia embora rapidinho para voltar para o trabalho. Foi assim durante anos, mas nada que ela não tenha feito por mim, porque ela saía daqui de madrugada andando comigo no colo para ir lá para o hospital infantil. Então, se ela foi uma grande mãe, eu tinha que ser uma grande filha.

LCB: (fala inaudível por causa do vento)

SFS: Não deu tempo de trocar o portão. [risos] Tá bom então! Olha gente, foi um prazer mesmo poder está falando da minha mãe. Se vocês deixassem eu ia ficar aqui falando o dia todo. Muito obrigada por essa oportunidade e boa sorte para vocês no trabalho que vocês estão fazendo, nos seus estudos, no futuro. Que Deus proteja vocês. Obrigada e voltem sempre! Tchau, bom dia pra vocês e um bom feriado. Esse é um dia ótimo, não é? 7 de setembro, dia da independência, show de bola, não é? Tchau. Ai, ai. Virei artista da globo! Agora vou abrir a porta pra eles entrarem.

DO: Ficou ótimo!

SFS: Fiquem a vontade.

LCB: Que emoção! Que história sensacional.